



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
CAMPUS AVANÇADO DE PATU (CAP)
DEPARTAMENTO DE LETRAS (DL)
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS
LITERATURAS

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS MÍDIAS: UMA ANÁLISE DAS
REVERBERAÇÕES LINGUÍSTICO-IDENTITÁRIAS DA XENOFOBIA SOFRIDA
PELA EX-BBB JULIETTE NO INSTAGRAM**

MARIA EDUARDA LIMA TAVARES DE ANDRADE

PATU

2021

MARIA EDUARDA LIMA TAVARES DE ANDRADE

PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS MÍDIAS: UMA ANÁLISE DAS
REVERBERAÇÕES LINGUÍSTICO-IDENTITÁRIAS DA XENOFOBIA SOFRIDA
PELA EX-BBB JULIETTE, NO INSTAGRAM

Monografia apresentada à
Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte – UERN – *Campus* Avançado de
Patu – CAP, Departamento de Letras,
como requisito obrigatório para a obtenção
do título de Licenciatura em Letras –
Língua Portuguesa e suas
respectivas Literaturas.
Orientadora: Prof.^a M.^a Thâmara Soares de
Moura

PATU
2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A553p Andrade, Maria Eduarda Lima Tavares de
Preconceito linguístico nas mídias: Uma análise das reverberações linguístico-identitárias da xenofobia sofrida pela ex-BBB Juliette no Instagram. / Maria Eduarda Lima Tavares de Andrade. - Patu, 2021.
49p.

Orientador(a): Profa. M^a. Thâmara Soares de Moura.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Sociolinguística. 2. Preconceito Linguístico. 3. Xenofobia. 4. Sujeito nordestino. 5. Identidade. I. Moura, Thâmara Soares de. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me sustentar e me encher de força e coragem para conseguir realizar essa caminhada árdua e cheia de emoções.

Agradeço a minha orientadora Professora Ma. Thâmara Soares de Moura que não mediu esforços para me ajudar na construção desse trabalho, sem ela, eu não teria conseguido. Gratidão também as Professoras Doutoras Antônia Sueli e Maria Leidiana que fazem parte da banca avaliadora, obrigada por todo empenho e dedicação. Gratidão em especial a todos os professores e professoras que contribuíram para minha formação acadêmica, principalmente Beatriz Pazini Ferreira que esteve desde o início, nessa jornada, meu muito obrigada.

Agradeço ao CAP-UERN por nos acolher como seus filhos e fazer dela, nossa segunda casa. Sendo viável, também agradecer a Diretora do CAP, Prof^a Dr^a Cláudia Tomé por cuidar com tanto zelo e dedicação, dessa instituição e dos alunos, sempre buscando o melhor para todos os integrantes do campus.

Agradeço a minha mãe Acilene, que sempre fez o possível e o impossível para me ajudar, quem me deu todo o suporte durante a minha vida estudantil, palavras são incapazes de expressar minha gratidão, te amo, mãe! Tudo por você e para você.

Agradeço ao meu companheiro César, por me apoiar em todos os momentos, me dando apoio incondicional nesses 4 anos de graduação.

Minha gratidão aos meus colegas de turma, que apesar das diferenças pessoais, tornaram esses momentos únicos e inesquecíveis.

Gratidão ao meu quinteto, Antônia Neta, Emílli Mariana, Marília Ferreira e Thássio Paiva, sem vocês eu não teria chegado até aqui, obrigada por caminharem comigo nessa jornada, vocês tornaram tudo melhor e mais fácil, obrigada por todo apoio.

Por fim, agradeço a minha família, que sempre esteve presente em todos os momentos, em especial a Tia Chemilla que foi minha primeira professora na escola e na vida que até hoje caminha comigo, sempre juntas, obrigada por todo apoio e incentivo.

“Tudo é válido na língua, desde que se logre comunicar-se.”

Machado de Assis.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema o *Preconceito linguístico nas mídias: uma análise das reverberações linguístico-identitárias dos ataques xenofóbicos sofridos pela ex-BBB Juliette, no Instagram*. Ao observar os atos xenofóbicos sofridos pela ex-BBB Juliette reverberando nas diversas mídias surgiu-nos as seguintes indagações: (a) Quais condições de possibilidade (sociais, históricas e linguísticas) favorecem a emergência dos preconceitos linguísticos consequentes aos posicionamentos xenofóbicos no tocante à ex-BBB Juliette? (b) Quais as reverberações do preconceito linguístico sofrido por Juliette no que toca a construção linguístico-identitária do sujeito nordestino, na rede social *Instagram*? Partindo disso, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar as reverberações linguístico-identitárias do preconceito linguístico sofrido pela ex-BBB Juliette, no âmbito midiático do *Instagram*. De modo específico, buscamos, ao longo da pesquisa, (a) identificar as questões socioculturais e linguísticas que condicionam os posicionamentos preconceituosos (ou não) para com a participante Juliette durante a participação no *BBB 21*, cristalizados em dois *posts* e respectivos comentários dos perfis *@combateaopl* e *@quebrandootabu*, no *Instagram*; em seguida, nos propomos a (b) analisar os possíveis efeitos do preconceito linguístico reproduzido na mídia no que toca a construção linguístico-identitária do sujeito nordestino. Dito isso, a referida pesquisa se torna importante para o âmbito acadêmico e social pela escassez de pesquisa na área da Sociolinguística no que concerne ao acontecimento envolvendo a ex-BBB, bem como pela necessidade de discutir e incentivar o respeito no que concerne as variações linguísticas. A metodologia adotada para este estudo é de cunho descritivo-interpretativo de *corpus*, com análises construídas a partir da perspectiva qualitativa. Além disso, nos inserimos na área da Sociolinguística mediante as contribuições teóricas de Bagno (2003; 2004; 2008; 2010; 2015), que discute sobre a sociolinguística e o preconceito linguístico; Hall (2003) que apresenta conceitos sobre a identidade do sujeito; Teles (2019), a qual discute sobre a identidade linguística, entre outros. Em suma, percebemos através da observação que os acontecimentos xenofóbicos – que abarcam, de modo correlato, o preconceito linguístico – sofridos por Juliette reverberou nas mídias de forma significativa durante o período de realização do *reality*. Isso, em reflexo, implicou na construção identitária dos sujeitos nordestinos, que, em decorrência aos acontecimentos, se identificaram com as dores, posicionaram no *Instagram* de forma contrária aos atos preconceituosos sofridos por Juliette e, assim, fizeram ver e enunciar uma identidade de resiliência, fortaleza e resistência ao preconceito, fator que também auxiliou a quebrar os tabus e estereótipos em torno dos nordestinos, criados e difundidos nacionalmente nas diversas mídias.

Palavras-chave: Sociolinguística. Preconceito Linguístico. Xenofobia. Sujeito nordestino. Identidade.

ABSTRACT

The present coursework has as its theme *Linguistic prejudice in the media: an analysis of the linguistic-identity reverberations of the xenophobic attacks suffered by the ex-BBB Juliette, on Instagram*. By observing the xenophobic acts suffered by the ex-BBB Juliette reverberating in the various media, the following questions emerged: (a) Which conditions of possibility (social, historical and linguistic) favor the emergence of linguistic prejudice consequent to xenophobic positions regarding the ex-BBB Juliette? (b) What are the reverberations of the linguistic prejudice suffered by Juliette regarding the linguistic-identity construction of the Northeasterner subject, in the social network *Instagram*? Based on that, this research has as a general objective to investigate the linguistic-identity reverberations of the linguistic prejudice suffered by the ex-BBB Juliette, in the media context of *Instagram*. Specifically, we seek, throughout the research, (a) to identify the sociocultural and linguistic issues that condition the prejudiced positions (or not) towards the participant Juliette during her participation in *BBB 21*, crystallized in two *posts* and respective comments of the profiles *@combateaopl* and *@quebrandootabu*, on *Instagram*; then, we propose to (b) analyze the possible effects of linguistic prejudice reproduced in the media regarding the linguistic-identity construction of the Northeasterner subject. That said, this research becomes important for the academic and social sphere due to the scarcity of research in Sociolinguistics regarding the event involving the ex-BBB, as well as the need to discuss and encourage respect regarding linguistic variations. The methodology adopted for this study is of descriptive-interpretative nature of *corpus*, with analysis built from the qualitative perspective. Furthermore, we inserted ourselves in the area of Sociolinguistics through the theoretical contributions of Bagno (2003; 2004; 2008; 2010; 2015), who discusses sociolinguistics and linguistic prejudice; Hall (2003) who presents concepts about subject identity; Teles (2019), who discusses linguistic identity, among others. In short, we noticed through observation that the xenophobic events - which correlatively encompass linguistic prejudice - suffered by Juliette reverberated in the media in a significant way during the period of the *reality*. This, as a reflex, implied in the identity construction of Northeasterner subjects, who, as a result of the events, identified with the pains, positioned themselves on *Instagram* in a contrary way to the prejudiced acts suffered by Juliette and, thus, made them see and enunciate an identity of resilience, fortitude and resistance to prejudice, a factor that also helped to break the taboos and stereotypes around Northeasterners, created and disseminated nationally in the various media.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Prejudice. Xenophobia. Northeasterner Subject. Identity.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Post extraído do perfil @combateaopl	34
Figura 2 - Post extraído do perfil @combateaopl	34
Figura 3 - post extraído do perfil @combateaopl.....	37
Figura 4 - post extraído do perfil @quebrandootabu	38
Figura 5 - Extraída dos comentários do perfil @combateaopl.....	42
Figura 6 - extraída dos comentários do perfil @combateaopl	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PL - Preconceito Linguístico

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2 SOCIOLINGUÍSTICA: POR UMA VISÃO SOCIAL DA LINGUAGEM E DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LINGUÍSTICO-SOCIAL DO SUJEITO	14
2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA E A COMPREENSÃO SOCIAL DA LINGUAGEM	14
2.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO: “O QUE É E COMO SE FAZ?”	21
2.3 A SOCIOLINGUÍSTICA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LINGUÍSTICO-SOCIAL DO SUJEITO	24
3. DE OLHO NO BBB E NO PRECONCEITO NA MÍDIA: ENTREVENDO O HORIZONTE METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	28
3.1 O OLHAR SOBRE A PESQUISA: CARACTERIZAÇÃO E OBJETO DE ESTUDO	28
3.2 O OLHAR SOBRE O UNIVERSO DE PESQUISA E A DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS</i> : O PRECONCEITO NA MÍDIA, NO BBB E COM JULIETE	30
3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE: A REFLEXÃO SOBRE OS DADOS.....	31
4 O PRECONCEITO NA MÍDIA E SUAS IMPLICATURAS PARA O SUJEITO: O CASO DE JULIETTE NO <i>BBB-21</i>.....	32
4.1 POSTURAS E ATITUDES PRECONCEITUOSAS COM JULIETTE: OCORRÊNCIAS DE PRECONCEITO NO <i>BBB-21</i>	33
4.2 MOTIVAÇÕES DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA MÍDIA E SUAS IMPLICATURAS PARA COM O SUJEITO NA SOCIEDADE.....	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	48

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“Quem perguntar por mim
Diga que tô por aí
Quem perguntar por mim
Diga que tô por aqui
Agora, se foi fácil? Foi não
Rapadura é doce, mas né mole não
Na estrada a gente pena, a gente sofre,
mas a gente ama”
(JULIETTE, 2021, s.p.)*

O preconceito segundo Michaelis (2015 s.p.) é uma “atitude emocionalmente condicionada, baseada em crença, opinião ou generalização, determinando simpatia ou antipatia para com indivíduos ou grupos”. Em outros termos, o preconceito pode ser entendido como opiniões e posicionamentos pré-formados a partir da ideia de prestígio social pelas classes mais favorecidas, seja em termos sociais, econômicos ou políticos. Não obstante, se comporta o preconceito linguístico.

Esses prestígios se fixam também na língua. No caso do Brasil, por exemplo, o prestígio está voltado para a norma culta que abarca a Língua Portuguesa. Em termos históricos, segundo Teles (2009), isso ocorreu devido ao domínio sociocultural e linguístico estar diretamente ligado aos colonizadores, os portugueses, detentores do poderio sobre os povos conquistados. Porém, conforme a Sociolinguística, a norma culta deve ser entendida como uma das variações da língua, e não como a representação correta e normatizadora dos falares, pois, caso perpassasse este último pensamento, esta se constituirá como a mola propulsora de inúmeros preconceitos.

Por isso, Bagno (2015, p. 21) define o preconceito linguístico na sociedade como resultado “da ignorância, da intolerância e da manipulação ideológica” e enfatiza que desconsiderar as diversas variações linguísticas existentes no Brasil significa não reconhecer a riqueza cultural que permeia o país. Nos tempos hodiernos, são os meios de comunicação como também a escola que mais reproduzem e alimentam esse sistema preconceituoso, delimitando a língua em apenas a uma variação, que é a norma culta, ao invés de dar significância também à língua falada pela população. Afunilando as discussões para o âmbito das mídias digitais, é possível dizer que esta contribui para a disseminação do preconceito linguístico, uma vez que é uma reprodutora de ideologias.

Um dos exemplos que podemos citar foi a viralização, nas diversas redes sociais, dos ataques xenofóbicos sofridos pela ex-BBB, Juliette, durante a realização do *reality* da Rede Globo, o *Big Brother Brasil 2021*. Nas primeiras semanas do *reality*, Juliette foi excluída, zombada, pelos outros participantes por sua forma de falar, e por ser do Nordeste, eles alegavam que o “seu sotaque” era muito forte e que a voz dela era grave, e seu modo de interagir, tocando nos outros, incomodava bastante os outros *brothers*.

Ao observar os atos xenofóbicos sofridos pela ex-BBB Juliette reverberando nas diversas mídias, e, considerando que tanto o *reality* em questão, como as redes sociais (a exemplo do *Instagram*) dão visibilidade para tais práticas e, ao mesmo tempo, desvelam os preconceitos já enraizados na sociedade, surgiu-nos as seguintes indagações. (a) Quais condições de possibilidade (sociais, históricas e linguísticas) favorecem a emergência dos posicionamentos xenofóbicos no tocante à ex-BBB Juliette, no *Instagram*? (b) Quais as reverberações do preconceito linguístico sofrido pela ex-BBB Juliette no que toca a construção linguístico-identitária do sujeito nordestino, na rede social *Instagram*? Estas, por sua vez, constituem-se como a mola propulsora da nossa pesquisa.

Partindo de tais questionamentos, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar as reverberações linguístico-identitárias do preconceito linguístico sofrido pela ex-participante Juliette, no *Big Brother Brasil – BBB*, edição de 2021, no âmbito midiático do *Instagram*. Para tanto, buscamos, ao longo da pesquisa, (a) identificar as questões socio-culturais e linguísticas que condicionam os posicionamentos preconceituosos (ou não) para com a participante Juliette durante a participação no *BBB 21*, cristalizados em *posts* dos perfis *@combateaopl* e *@quebrandootabu*, no *Instagram*; além disso, no propomos a (b) analisar os possíveis efeitos do preconceito linguístico reproduzido na mídia no que toca a construção linguístico-identitária do sujeito nordestino.

Dito isso, é oportuno trazer à baila as motivações pessoais, acadêmicas e sociais que justificam o tratamento científico desta temática. Sendo importante para o âmbito acadêmico devido à escassez de produções nesta temática, tendo em vista que é um objeto novo, um acontecimento recente, bem como pela necessidade de discutir e incentivar o respeito no que concerne as variações linguísticas. De modo consequente, esse trabalho fomenta as discussões no âmbito educacional, justamente pela possibilidade dessas temáticas, ao serem apresentadas num

programa televisivo popular, serem também tratadas em sala de aula a partir da concepção de língua viva e da aplicação da teoria sociolinguística na prática, no cotidiano vivenciado pelos alunos.

Em termos pessoais, o pontapé inicial à vontade em desenvolver esta pesquisa se constituiu a partir da observação de alguns casos no cotidiano em que, por vezes, a pesquisadora presenciou constrangimentos decorrentes da forma de falar e/ou comportar, característicos de uma região. Desse modo, identificou nos acontecimentos xenofóbicos sofridos por Juliette uma forma de fomentar a discussão e, conseqüentemente, contribuir para quebrar os tabus e os estereótipos que se constituem em torno dos regionalismos.

Em termos teórico-metodológicos, nos inserimos na área da Sociolinguística, com contribuições teóricas de Bagno (2003; 2008; 2010), que discute sobre a sociolinguística e o preconceito linguístico, Hall (2003) que apresenta conceitos sobre a identidade do sujeito, Teles (2019) sobre a identidade linguística, bem como outros autores. Desse modo, partimos das seguintes categorias de análise: preconceito linguístico e identidade linguístico-social nas mídias.

A metodologia adotada para este estudo é de cunho descritivo-interpretativo de *corpus*, pois, conforme Gil (2008), ambos os métodos permitem descrever e interpretar as ocorrências de preconceito linguístico sofrido por Juliette, ex-participante do *BBB 2021*. Desse modo, o *corpus* encontra-se composto por quatro materialidades extraídas da plataforma digital *Instagram*, as quais versam entre postagens verbo-visuais, audiovisuais e respectivos comentários dos perfis *@combateaopl* e *@quebrandootabu*. Quanto a natureza das análises, por sua vez, estas se fazem sob a perspectiva qualitativa, à medida em que essa pesquisa está voltada a analisar questões da realidade em seu contexto habitual, ou seja, ocorre por um determinado tempo, em um determinado lugar, conforme Gil (2008).

Para uma melhor experiência de leitura, a investigação apresenta quatro capítulos, de modo que o primeiro tem como objetivo introduzir a temática investigada. Já o segundo capítulo, de caráter teórico, intitulado como *Sociolinguística: por uma visão social da linguagem e da construção da identidade linguístico social do sujeito*. Inicialmente, no primeiro subcapítulo desse capítulo com o título *A sociolinguística e a compreensão social da linguagem*, contextualizamos o que é a sociolinguística e o que ela se dedica a estudar, compreendendo os aspectos sociais da linguagem, bem como as variações linguísticas.

No seu segundo subcapítulo *Preconceito linguístico: “o que é e como se faz”*, iremos adentrar no que é o preconceito Linguístico, trazendo conceitos gerais sobre o que é e como se pratica tal ato, com contribuições do autor renomado Marcos Bagno (2003; 2004; 2007; 2015), Linguista que se dedica a analisar essas questões sociais da língua. No nosso terceiro e último subcapítulo do capítulo um, a pauta será sobre *a Sociolinguística e a construção da identidade linguístico-social do sujeito*, apresentando como a linguagem é parte essencial para a formação e identificação do sujeito, mostrando que é através dela que o ser se constitui socialmente.

Com esses emaranhados de saberes e conhecimentos sobre os assuntos abordados, chegamos ao nosso terceiro capítulo, onde irá ficar nosso foco analítico, que terá como título: *De olho no BBB e no preconceito na mídia, entrevendo o horizonte metodológico da pesquisa*, em seu primeiro tópico, será abordado o olhar sobre a pesquisa, iremos mostrar a caracterização e o objeto de estudo. No segundo tópico iremos delimitar o corpus, sendo ele o preconceito na mídia, no BBB e com Juliette, no terceiro e último tópico serão os procedimentos de análise e a reflexão sobre os dados colhidos.

No quarto capítulo, iremos nos deter ao *Preconceito na Mídia e suas implicaturas para o sujeito: o caso de Juliette no BBB-21*, inicialmente iremos descrever as posturas e as atitudes preconceituosas com Juliette e as ocorrências de preconceito que houve no BBB-21, depois adentraremos nas *motivações do preconceito linguístico na mídia e suas implicaturas para com o sujeito na sociedade*, discutindo sobre os fatos que levam as pessoas a cometer esses atos e quais as consequências desse ato na vida de quem sofre o preconceito.

2 SOCIOLINGUÍSTICA: POR UMA VISÃO SOCIAL DA LINGUAGEM E DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LINGUÍSTICO-SOCIAL DO SUJEITO

*“Não tenho medo de escuridão
Eu sou fogueira de São João
Trago no peito a oração de mainha, bença
Agora, se foi fácil? Foi não
Rapadura é doce, mas né mole não
E o preconceito eu só engulo com farinha”
(JULIETTE, 2021, s.p.).*

Nesse capítulo será abordado os aspectos que envolvem a sociolinguística, a linguagem, a sociedade e a construção linguístico-social do sujeito. Sua composição conta com três subcapítulos, sendo o primeiro *A Sociolinguística e a compreensão social da linguagem*, onde será abordado o conceito da sociolinguística, o que ela estuda e adentraremos nas variações linguísticas. No segundo subcapítulo que é o *Preconceito Linguístico, o que é e como se faz*, abordaremos o conceito do PL, o porquê desses acontecimentos preconceituosos, e será mencionada a mídia como grande aliada a disseminação desse preconceito. O terceiro subcapítulo é *A Sociolinguística e a construção da identidade linguístico-social do sujeito*, neste, será conceituado a identidade social do sujeito a partir da sua linguagem, acrescentando também os estereótipos criados acerca do sujeito Nordestino.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA E A COMPREENSÃO SOCIAL DA LINGUAGEM

A Sociolinguística como o próprio nome já nos revela, é uma subárea da linguística que estuda a linguagem em seu contexto usual, ou seja, a relação entre a língua e a sociedade. Apesar de ser antiga a curiosidade em entender os aspectos sociais da linguagem, a Sociolinguística é um campo de estudo recente, fixou-se em 1964 em um congresso, organizado por William Bright, onde participaram vários estudiosos da relação entre linguagem e sociedade, como John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fischer e José Pedro Rona, entre outros. O principal objetivo desse congresso era apresentar a covariação sistemática das variações linguísticas e social.

De modo geral, a Sociolinguística ajuda-nos a percebermos as diferentes realidades linguísticas que existem no âmbito social, explicando assim, os fatores linguísticos e suas respectivas variações. Mollica ressalta que:

Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima. (MOLLICA, 2004, p. 13).

Então sociolinguística veio contribuir para a inclusão do ser humano em sociedade através da sua fala, quebrando os padrões preconceituosos que a gramática normativa, porventura, auxilia a difundir, nos trouxe a oportunidade de refletir sobre a língua que usamos e respeitarmos as diversas formas de expressão da linguagem. Dito isso, é oportuno apresentarmos as concepções de língua e linguagem para os estudos sociolinguísticos.

A língua e a linguagem são noções entrelaçadas, porém a noção de linguagem é mais complexa de que a língua, pois Segundo Lima e Freitag (2010) é uma atividade cognitiva, ou seja, está diretamente ligada aos nossos pensamentos, assim como é discursiva, possuindo um vínculo estreito com nas ações comunicativas, estabelecendo a interlocução. Já a língua é um instrumento de comunicação, composta por regras gramaticais, permitindo assim que os falantes desta, possam se comunicar entre si, para Lima e Freitag (2010, p. 13) [...] é um conjunto de signos que se combinam segundo certas regras que os organizam em níveis hierárquicos (fonológico, morfológico, sintático), e que deve ser conhecido pelos falantes para que a comunicação possa acontecer.

Diante disso a língua é parte integral de uma comunidade/país uma série de regras que são impostas por um sistema convencional imanente, desvinculado dos sujeitos falantes, que apesar de ser social, os indivíduos não têm como mudá-la, pois ela já é pré-estabelecida.

Willian Labov foi o principal estudioso da sociolinguística, iniciou seu trabalho ao perceber a heterogeneidade e a complexa diversificação da língua falada, seu propósito era provar as relações linguístico-sociais através do uso real/imediato da linguagem em comunidade. Para Labov (2006, p.13), “não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante ouvinte ideal”. Com isso, as variações pelas quais a

língua se submete não são capazes de interromper a comunicação entre os sujeitos falantes que fazem parte de um mesmo sistema linguístico.

Dentre os diversos resultados dos estudos sociolinguísticos, comprova-se que a diversidade linguística é parte indispensável das línguas naturais. Com isso, todos os indivíduos das mais diversas comunidades utilizam simultaneamente as variações nos múltiplos níveis da linguagem. Sobre isso, Mollica ainda assevera:

A Sociolinguística considera em especial como motivador de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de usos são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemática e estatisticamente previsível. (MOLLICA, 2004, p.10).

Sendo assim, a ideia da Sociolinguística está pautada nas alternâncias que os indivíduos fazem com a língua falada, possuindo variáveis independentes que são influenciadas por fatores “estruturais e sociais”. A partir disso, é importante ressaltar que essas variações da língua não ocorrem por acaso, elas vão depender de fatores externos, ou seja, socioculturais, que subdividem a língua em classes sociais, faixas etárias, religiões, profissões, escolaridade e até mesmo o gênero do falante. Goffman (2002, p. 20) afirma que

é quase fictício referir-se a uma variedade social que ao manifestar-se não origine consequências sobre o comportamento linguístico: idade, sexo, condição, raça, país de origem, geração, região, escolaridade, pressuposições cognitivo-culturais, bilinguismo, e assim sucessivamente.

De acordo com essas implicações, entende-se que a linguagem usada por uma comunidade está composta de variações da língua distintas, formando assim a identidade linguística daquele grupo, sendo a mistura de classes socioeconômicas, raças, regiões, etc., recaindo sobre si um juízo de valor, e é por isso que existem as variedades linguísticas prestigiadas, estigmatizadas ou neutras. Mesmo assim, os falantes dessas variações podem se mover de uma para outra, isso dependerá do seu interesse em participar de outro grupo social, apenas mudando e/ou adaptando seu modo de falar no contexto ao qual deseja se inserir.

Como sabemos que a língua é um objeto vivo e dinâmico, que muda conforme o contexto ao qual o falante está inserido temos as variações linguísticas que são os diferentes modos de se expressar através da língua, levando em consideração as escolhas das palavras até o tom da fala. Para isso vem nos dizer Bagno (2006, p. 117) “a língua está em constante movimento - toda língua viva é uma língua em decomposição, em permanente transformação”. Então deixar de lado esses aspectos socioculturais para impor um único padrão linguístico segundo Bagno (2004) é usar da ignorância, da intolerância e da manipulação ideológica.

É sabido que a língua é nossa principal fonte de interação com o mundo, por isso ela irá mudar e/ou variar de acordo com a sua cultura, região, experiências, enfim, de acordo com a necessidade do falante em se comunicar com o grupo ao qual está inserido. Dentre as diversas variações, temos a social, que é de acordo com a condição social do falante. Segundo Antunes (2010)

O que existe é língua que muda, que varia, que incorpora novos sons, novas entonações, novos vocábulos, que altera seus significados, que cria associações diferentes, que adota padrões sintáticos novos, sobretudo quando esta língua é exposta a variadas situações de uso, a outras interferências culturais.

Todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas, a língua é um fator histórico e as mudanças temporais são parte dessa história. Diante disso as variações da língua estão relacionadas a diversos fatores como a idade, sexo, regionalidade, raça etc. Essas variações dependentes de fatores extralinguísticos são divididas em quatro, sendo elas a Variação Diatópica (regional), Diastrática (social), Diafásica (estilística) e Diamésica (na fala e na escrita).

A Variação Diatópica ou Regional é caracterizada pelas diferenças linguísticas no espaço físico, como países, regiões, zona rural, estados, cidades, podendo identificar os falantes de outra regionalidade através da sua fala. Segundo Coelho et al (2010) essa variação é “a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa através do modo como ela fala. É possível saber quando um falante é gaúcho, mineiro ou de um dos estados do Nordeste, por exemplo.” Então ela é responsável pelos regionalismos, provenientes de dialetos e falares locais.

A Variação Diastrática ou social está diretamente ligada a identidade do falante, como também com a estruturação sociocultural da comunidade de fala, para Coelho et al (2010 p.78)

Da mesma forma que a fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode refletir diferentes características sociais dos falantes [...] os principais fatores sociais que condicionam a variação linguística são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero, a faixa etária e mesmo a profissão dos falantes

Essa variação é parte do indivíduo, tendo em vista que ela está intrinsecamente ligada a convivência entre os grupos sociais. Na Variação Diafásica ou Estilística o que está em jogo são as diferentes “funções sociais”, pois ela nos permite diversificar a fala aos diferentes contextos, Coelho et al (2010, p. 81 e 82) explica que

Um mesmo falante pode usar diferentes formas linguísticas, dependendo da situação em que se encontra. Basta pensarmos que a maneira como falamos em casa, com nossa família, não é a mesma como falamos em nosso emprego, com o chefe. O que está em jogo aí são os diferentes “papéis sociais” que as pessoas desempenham nas interações que se estabelecem em diferentes “domínios sociais”.

Com isso, esse tipo de variação nos possibilita flexionar a linguagem, sendo possível adaptar aos diferentes contextos de uso. Já a Variação Diamésica mostra a diferença entre a fala e a escrita, conforme Coelho et al (2010) a fala apresenta uma linguagem mais coloquial, já a escrita está mais ligada as variedades de prestígio, pois geralmente está associada a ambientes de maior monitoramento linguístico.

Por falarmos em variedades de prestígio, estamos automaticamente falando em variedade padrão, ou seja, essa se constitui pela sua aproximação com a gramática normativa, e seus falantes são detentores de uma maior escolarização ou classe socioeconômica elevada, para Gnerre (1985, p.4) “[...] uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. Sendo assim, essa variedade está diretamente relacionada ao indivíduo e sua representação econômico-social, que possuem maior habilidades linguísticas devido possuir fácil acesso a norma culta da língua.

Para complementar, também é importante ressaltar que existem as variedades estigmatizadas ou neutras, essas por sua vez se aproximam das variantes não-

padrão, pois não possuem maior domínio da língua, geralmente são indivíduos com pouca escolarização, que não teve oportunidade de aprimorar suas habilidades linguísticas, se distanciando da variedade padrão da língua. Exemplifica Camacho (1984 p.9) “suas alternativas com ausência de marca de pluralidade nos constituintes finais da série, como em os menino esperto, uma treis hora, são reconhecidas como variantes não-padrão ou estigmatizadas”. Essa variedade está ligada ao falante, assim como as outras, através dela é possível obter informações daquele indivíduo, percebendo seu grau de escolaridade, e até sua regionalidade através da sua fala.

No ínterim de todos esses processos, é interessante volver os olhares para o falante e suas correlações com a língua. Vemos que a linguagem é elemento importante para a constituição e a manutenção das relações socioculturais, e é por meio dela que os diversos poderes e acontecimentos socioculturais se articulam podendo alterar o desenvolvimento da humanidade, visto que é através dela que os conhecimentos e experiências são repassadas, assim como a cultura de um povo. Então a língua é usada como meio de comunicação e/ou interação na sociedade, Tavares (2006, p.61) nos diz:

Se, no entanto, a língua é vista como um meio de interação utilizado pelos homens de uma determinada sociedade para se fazer compreender e for compreendido [...]. Ao usar a linguagem, as pessoas expressam ideias, opiniões, modos de ver e pensar o mundo que são partilhados com outras pessoas. A língua expressa incorpora e simboliza uma realidade cultural.

Como a língua expressa, incorpora e simboliza uma realidade cultural, é através dela que o indivíduo se torna um ser humano compreendido, assim como expressa em sua fala sua identidade sociocultural, sendo possível reconhecê-lo cultural e economicamente através da sua linguagem.

Então a sociolinguística vem explicar e comprovar como se dá essa articulação sociocultural da linguagem, sendo através dela que se torna aceitável e compreensível qualquer forma de falar a língua materna do indivíduo, desde que atenda às normas linguísticas preestabelecidas em determinado sistema linguístico. Segundo Freitag (2010) a noção de norma linguística está associada ao uso que cada indivíduo faz da língua dentro dos grupos sociais, Faraco (2002, p. 38) acrescenta que “[...] numa sociedade diversificada e estratificada como a brasileira, haverá inúmeras normas linguísticas, como, por exemplo, a norma característica de comunidades rurais

tradicionais, aquelas de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, a norma característica de grupos juvenis urbanos, a(s) norma(s) característica(s) de populações das periferias urbanas, a norma informal da classe média urbana e assim por diante”.

Com isso, as normas linguísticas são influenciadas pelos indivíduos a partir das suas participações em grupos sociais, apresentando características identitárias daquele meio, e agregando valores socioculturais que vão se influenciando mutuamente. Então a língua torna-se uma atividade social, por ser dinâmica e variável. E é com uma variedade que é definida a norma culta. Para isso Faraco (2002, p. 40) explica que “A expressão norma culta deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social.”

Como sendo uma variedade da língua, essa norma culta está associada as pessoas que possuem um elevado grau de escolarização e assumem papéis sociais que exigem formalidade na fala, aproximando-se o mais possível da língua escrita. Para Freitag (2010, p. 11) “A norma culta é a variedade linguística encontrada na mídia e difundida nos grandes centros urbanos, como em jornais, revistas, livros, etc. Corresponde ao uso linguístico de prestígio”. Para a autora essa norma é como qualquer outra, que pode sofrer mudanças e variações. E é por esse caráter variável da norma culta que Bagno (2002, p. 179) nos diz:

não existe um comportamento linguístico homogêneo por parte dos ‘falantes cultos’, sobretudo (mas não somente) no tocante à língua falada, que apresenta variação de toda ordem segundo a faixa etária, a origem geográfica, a ocupação profissional etc. dos informantes.

Então, mesmo com valor social atribuído a essa norma, ela está sujeita a variações, assim como todas as outras variedades da língua. Já a norma padrão está ligada a ideia de língua homogênea, ou seja, que não muda, sendo prescrita pela gramática normativa, Faraco (2002, p.42) nos fala que esta tem um papel unificador que busca neutralizar as variações tornando-se uma “referência supra regional e trans

temporal”, e por isso muitas vezes essa norma padrão é confundida com a própria língua, pois ela refere-se as regras impostas e a um ideal abstrato de língua “correta”.

Desse modo, nos é atribuído a noção de “certo” e “errado” na língua, essa norma padrão vem impor esses ideais, gerando conflitos entre as demais variações, submetendo as outras a um menor prestígio social, gerando muitas vezes o Preconceito Linguístico que será conceituado no próximo subcapítulo.

2.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO: “O QUE É E COMO SE FAZ?”

O Brasil é um país amplo e diversificado, com sua grande expansão territorial e imigrações ao longo de sua descoberta, várias culturas, principalmente a indígena que aqui habitava quando os europeus chegaram, houve uma mistificação cultural entre os povos. Esse acontecimento histórico faz o nosso país diversificado cultural, regional e socialmente, contribuindo assim para a existência das muitas variações linguísticas no Brasil. Ferreira Coelho (2012, p. 211) nos mostra que foram “quatro séculos de tráfico de enormes contingentes de escravos africanos e de intensa inserção desses indivíduos em diferentes setores da vida brasileira certamente devem ter marcado a língua”. Toda língua tem seu percurso natural de desenvolvimento, o português herdado dos colonizadores de Portugal no Descobrimento do Brasil, sofreu inúmeras mudanças e muitos vocábulos caíram em desuso. Segundo Bagno (2004):

[...] [o] preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna de ser aceita, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente (BAGNO, 2004, p. 38).

Em outros termos, o preconceito linguístico se define como todo juízo de valor negativo, seja ele de repulsa, reprovação e desrespeito as variações linguísticas de um grupo social desprestigiado, sendo os mais prejudicados os indivíduos que vivem em um padrão socioeconômico mais baixo e/ou possui pouco acesso à educação. Desse modo, o preconceito acontece quando uma pessoa julga outra por sua forma de falar por se achar superior linguisticamente, e o julgado se achar inferior ao julgador.

Ainda de acordo com Bagno (2003, p. 75) “os preconceitos linguísticos impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo”. Ou seja, se somos preconceituosos em relação a forma de se expressar linguisticamente de uma pessoa, haverá grandes chances de sermos preconceituosos em outros aspectos sociais, como a cor da pele, classe social etc.

Então o Preconceito Linguístico é uma forma de discriminação social, pelo fato de um indivíduo julgar como “errado” o outro por sua forma de falar e/ou escrever, e o maior parâmetro para esse julgamento é a norma culta, pois quanto mais o falante se distancia dela, mais ele é rebaixado, discriminado, entre outras formas negativas. Esse é um preconceito difícil de ser combatido e se torna mais poderoso porque como diz Bagno (2015, p. 22) ele é quase que “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele”.

As pessoas que cometem esse tipo de preconceito, certamente advêm de uma cultura diferente, posição social prestigiada, escolarização de alta qualidade (certamente em escolas particulares), tem auxílio da família, entre outros aspectos sociais que são comparados aos que não possuem metade de seus prestígios, são realidades diferentes, mesmo sabendo, quem julga não leva em conta essas diferenças de classes e são apenas fantoches de um sistema linguístico e educacional falho que não leva em consideração os fatores extralinguísticos, repassando somente a norma culta como a “universal” sendo que na comunicação cotidiana não usamos nem metade das palavras e pronúncias desta. Conforme Bagno (2007)

O preconceito linguístico deriva da construção de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como “erro” e, conseqüentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo. Além disso, está intimamente ligado a outros preconceitos também muito presentes na sociedade, como preconceito socioeconômico, preconceito regional, preconceito cultural, preconceito racial e a homofobia. (BAGNO, 2007, p. 43)

Todos possuem a capacidade de se comunicar, como também total conhecimento sobre sua língua materna, a norma culta é apenas uma variação das normas linguísticas, como mencionado no subcapítulo anterior. Porém, na organização da sociedade hodierna, esta acaba sendo apenas um instrumento de discriminação econômica e social em razão de um plano ideológico que prioriza as

classes mais favorecidas. De modo conseqüente, essa norma culta “discriminatória” passa a ser reforçada pelos meios de comunicação como as escolas, as mídias etc. Nesse sentido, devemos ressaltar que a língua é heterogênea, varia em todos os seus níveis estruturais, e cada falante tem propriedade e sabedoria da sua língua, como também o próprio cria e recria o estilo da sua linguagem em contextos de uso.

Já sobre as mídias, objeto de interesse da nossa pesquisa, é possível mencionar que, diariamente, vemos esse preconceito ser alimentado através das redes sociais e mídias em geral. Sobre isso, BAGNO (2007) diz:

Ainda se ver esse preconceito ser nutrido a cada dia em programações televisivas e de rádio, em colunas de jornal e revista, sem falar, é claro, nos métodos tradicionais de habilitar a língua. O feito fica bastante claro em certo tipo de afirmação que já fazem parte da negatividade que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. (BAGNO, 2007, p. 13).

Assim, mídia é uma grande aliada a essa discriminação social, pois reproduz e alimenta esse sistema preconceituoso que delimita a língua, pois não podemos negar sua habilidade de persuadir seu público, influenciando como os indivíduos devem ou não se expressar e o que fazer de suas vidas cotidianas. Para conquistar a adesão do seu público a mídia muitas vezes utiliza uma linguagem popular, se tornando paradoxal, pois ao mesmo tempo que populariza sua linguagem, ela também mantém seu padrão gramatical tradicional, mostrando grande preconceito para com as variações linguísticas. Segundo Pelinson, Silva e Ribeiro (2014) a mídia é formadora de opiniões, e ditadora de modelos a serem seguidos. Portanto, os conteúdos veiculados podem vir a resultar em uma estereotipagem de massa.

Os meios midiáticos são formas de doutrinação, querendo ou não ela influencia nas ações dos indivíduos, Azambuja (2008) vem nos dizer

Se o conceito de comunicação engloba a possibilidade de mudança do indivíduo a partir da comunicação, é possível afirmar que o jornalismo pode influenciar as pessoas. As conversas do cotidiano, que ocorrem com base no que foi mostrado no telejornal, acabam por influenciar o que o público vai discutir e opinar. [...] O público adquire conhecimento e se interessa pelo que aparece na mídia, o que significa que os veículos de comunicação induzem o público sobre o que ele deve pensar e como deve pensar sobre determinados assuntos. (AZAMBUJA, 2008, p.38)

Assim, podemos perceber que o Preconceito Linguístico é um fator social, e a mídia enquanto influência de indivíduos reproduz esse preconceito, que foi estereotipado e/ou adequado a pessoas pobres, quem fala “errado” é uma pessoa de baixa renda. A mídia se torna contraditória ao utilizar a linguagem coloquial, e ao mesmo tempo valorizar primordialmente a norma-culta, como diz Faraco (2008)

E a mídia, como que possuía por um dever moral de corrigir a suposta incúria, desleixo e ignorância dos falantes brasileiros, encampou com sofreguidão esse discurso categórico: se pôs ao lado dos ‘paladinos da Sra. Dona norma Culta’ (que de fato são ‘paladinos da norma curta’, [...]), deu-lhes amplo espaço, tem barrado a possibilidade do debate crítico e até criou manuais de redação extremamente conservadores que, paradoxalmente, não são seguidos sequer pelos seus próprios redatores.

Diante disso, a mídia supervaloriza o uso da norma culta, barrando qualquer linguagem fora desta, mas ao mesmo tempo ela se torna paradoxal, tendo em vista que nem os redatores seguem esse caráter conservador, pois os próprios, possuem uma identidade linguístico-social, que impossibilita o falante/profissional de seguir à risca essa norma “curta”. Por falar em identidade linguística no contexto social, vejamos o próximo subcapítulo para adentrar nessa construção do sujeito através da sua linguagem.

2.3 A SOCIOLINGUÍSTICA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LINGUÍSTICO-SOCIAL DO SUJEITO

Segundo Le Page (1980), todo ato de fala é um ato de identidade, pois é a partir da língua/linguagem que o sujeito vai se moldando, construindo as formas de ser e principalmente, ser visto. O sujeito possui inúmeras identidades que são construídas durante seu crescimento social, sendo possível mudar a cada situação. HALL (2003) diz

o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do " eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas(...). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que (*sic*) os sistemas de significação e representação cultural multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade

desconcertantes e cambiantes de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente (Hall 2003, p. 13).

Portanto, assim como a identidade do indivíduo está em constante mudança, a língua acompanha o ritmo individual do falante, então o modo como o indivíduo se expressa revela muito sobre ele. Em outros termos, é possível dizer que as escolhas linguísticas do falante, mesmo que inconscientemente, denotam muitos traços da identidade do sujeito, haja vista que através dela torna-se possível evidenciar, eventualmente, a bagagem de saberes que ele possui desde o início de sua vida. Margotti (2004) diz que as atitudes linguísticas do sujeito serão atitudes sociais, atitudes essas que serão adquiridas na família, amigos, região geográfica, etc., ou seja, tudo influencia para que seu modo de falar seja típico do meio ao qual ele está inserido.

Destarte, assim como a língua é algo heterogêneo, Teles (2019) enfatiza que a identidade linguística de um sujeito também irá variar de acordo com a situação comunicativa, desse modo ele irá adquirir várias identidades linguísticas, a depender do seu contexto de fala, lembrando assim a variação Diafásica, que permite ao indivíduo que habilite sua linguagem aos diferentes contextos de uso.

Com isso a construção linguístico-social do sujeito advém de uma vida em sociedade, ela vai se construindo de acordo com suas vivências, como também se desconstruindo e reconstruindo, pois, a língua está em constante mudança, assim como o indivíduo. Por esse motivo, um indivíduo não transmite apenas uma mensagem neutra contida em seu discurso (Appel; Muysken 1992), ou seja, a mensagem sempre irá conter algo ideológico, fruto da nossa vivência em sociedade.

A Sociolinguística também compreende esse processo da linguagem como parte identitária do sujeito falante, pois para ela a língua é dotada de “heterogeneidade sistemática”, isto é, variações, fato que permite a identificação e demarcação de diferenças socioculturais na(s) comunidade(s). Conseqüentemente, o domínio de estruturas heterogêneas implica também na construção identitária dos sujeitos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.101).

Outro fator que auxilia nesse processo de constituição das identidades em termos linguístico-sociais são os preconceitos linguísticos. Estes envolvem uma avaliação discriminatória através da linguagem, que pré-julga o outro por sua forma de falar, gerando um sentimento de repulsa, exclusão; quem julga tem em si um

sentimento de superioridade em relação ao julgado, conseqüentemente atribuindo um estereótipo, isto é, uma identidade pejorativa àquela pessoa, categorizando-a a determinado grupo ou atribuindo a ela um caráter socioeconômico rebaixado, fazendo uma associação negativa com a forma de falar do outro. Para isso CROCHÍK (1996) revela que a função do estereótipo é de tentar tornar natural a crença de que existem graus de valor aos papéis desempenhados na sociedade. Isto é, o estereótipo torna natural uma realidade criada pela cultura.

O PL acaba por auxiliar a construção desses estereótipos, um exemplo comum é quando um Nordestino viaja para o Sul-Sudeste do país que ele começa a se comunicar já é um gatilho para esse preconceito, ele já é mal visto, as pessoas já atribuem estereótipos a ele, além de cometer o próprio preconceito que é rir, se referir ao tal como "burro", "analfabeto", "incapaz", utilizando termos pejorativos que de alguma forma discrimina e categoriza aquele sujeito, formando sua identidade só pelo fato da sua linguagem ser típica da sua região. O estereótipo em torno da identidade Nordestina é algo marcado em todo o país, as pessoas de outras regiões, como o Sul, categorizaram o Nordeste como uma região pobre, matuta, analfabeta, "que não sabem falar", entre outros adjetivos. São símbolos, criados pela comunidade brasileira em relação ao Nordeste, para isso Jesus (2006, p. 30) acrescenta que

[...] alguns símbolos substituem a própria realidade. O Nordeste é, assim, associado à seca, à terra rachada, aos cactos. [...] operam no imaginário e ensejam construções estereotipadas, as quais vão definir quem são os nordestinos para si próprios e para os outros.

Nesse aparato observamos que a mídia faz parte dessa idealização na construção do Nordestino, Bagno (2002, p.43) diz

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum do Brasil, muito menos no Nordeste

Com isso, televisão brasileira cria o nordestino de uma forma que ele não é, uma façanha, por isso o grande preconceito linguístico-social das pessoas do Sul por

exemplo em relação ao Nordeste, pois a própria televisão brasileira mostra personagens fictícias, como se todo Nordeste agisse daquela forma que o sistema televisivo reproduz.

Podemos correlacionar esses fatos, ao acontecimento de Preconceito Linguístico e Xenofobia no *BBB 2021* com a participante *Juliette* que foi vítima destes por causa da sua forma de falar, como também por ser nordestina e se orgulhar da sua cultura. Serão discutidos nos próximos capítulos esses episódios.

3. DE OLHO NO BBB E NO PRECONCEITO NA MÍDIA: ENTREVENDO O HORIZONTE METODOLÓGICO DA PESQUISA

Na estrada a gente pena, a gente sofre
Mas a gente ama

Não me arrependo de nada, não
Porque foi tudo de coração
Na vida a gente colhe o que planta
(JULIETTE, 2021, s.p.).

As pesquisas de modo geral, possuem uma série de processos para desenvolver-se pela necessidade da descoberta de novos conhecimentos acerca do assunto delimitado. Para tanto se faz necessário conhecer sobre o que estamos pesquisando, ou seja, o tema central da pesquisa e suas ramificações. Neste capítulo iremos apresentar como nossa pesquisa está construída, nossa metodologia, contaremos com o apoio de Gil (2002, 2008). Iniciaremos as discussões apresentando no primeiro subcapítulo *O olhar sobre a pesquisa: caracterização e o objeto de estudo*. Logo após, no segundo subcapítulo o *corpus* será delimitado, tendo como título *O olhar sobre o universo de pesquisa e a delimitação do corpus: o preconceito na mídia, no BBB e com Juliette*. Por fim, mostraremos *Os procedimentos de análise: a reflexão sobre os dados da pesquisa*, será apresentado os objetivos da nossa pesquisa e especificaremos cada materialidade de acordo com estes.

3.1 O OLHAR SOBRE A PESQUISA: CARACTERIZAÇÃO E OBJETO DE ESTUDO

Para a construção dessa pesquisa, submetemo-nos a competência teórica da Sociolinguística, visto que, conforme Oushiro (2014), os estudos desta área são pautados na língua em sociedade, como ela se constitui e constitui os indivíduos falantes, é de grande importância nos deter a analisar esses aspectos da língua tendo em vista que a Sociolinguística possibilita atrelar aos fatores sociais os fenômenos da língua.

Diante disso a Sociolinguística auxilia na construção desse trabalho já que buscamos compreender quais são os fatores que giram em torno do Preconceito Linguístico e dos atos xenofóbicos sofridos pela *ex-BBB* Juliette dentro do programa. Para tanto, contamos com as discussões de autores renomados na área tais como

Marcos Bagno (2004; 2007; 2008; 2015) estudioso renomado da linguística que fala sobre esses aspectos sociais da língua e sobre o Preconceito Linguístico, Teles (2019) que aborda a linguagem e a identidade social do sujeito na perspectiva sociolinguística, entre outros. As categorias de análises adotadas para esse trabalho foram o Preconceito Linguístico e a construção linguístico-identitária do sujeito.

Diante disso, o viés metodológico adotado para este trabalho é de cunho descritivo-interpretativo de *corpus*. Dito isso, consideramos como descritiva, pois, de acordo com Gil (2008, p. 28):

[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. [...] as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática.

Como visto, a pesquisa descritiva discorre sobre as características de um determinado acontecimento, ajudando-nos a compreender a natureza desses acontecimentos. Então, a partir disso, este tipo de pesquisa nos auxiliou a conhecer e descrever os atos xenofóbicos que se sucedeu no programa *BBB 2021* com a participante Juliette.

Além disso, trata-se também de uma pesquisa interpretativa porque, de acordo com Gil (2008, p. 75) “na leitura interpretativa procura-se estabelecer relação entre o conteúdo das fontes pesquisadas e outros conhecimentos, o que significa conferir um alcance mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica”. Em outras palavras, esse método interpretativo permite a compreensão dos fenômenos por meio de um viés interpretativo embasado em teorias da Sociolinguística. Assim, é possível identificar e compreender as questões socioculturais e linguísticas que condicionam os posicionamentos preconceituosos (ou não) para com a participante Juliette durante a participação no *BBB 21*.

Ao se tratar da natureza das análises, partimos de uma perspectiva qualitativa, pois esta, procura observar o comportamento dos indivíduos em seu contexto, ao invés de usar números e estatísticas. Gil (2002) nos fala que essa pesquisa está voltada a analisar questões da realidade em seu contexto habitual, ou melhor, acentua um grupo social e estuda os fenômenos que acontecem nesse determinado lugar por um tempo determinado.

Partindo disso, nossa análise será pautada em analisar os possíveis efeitos do preconceito linguístico reproduzido na mídia no que toca a construção linguístico-identitária do sujeito nordestino, tendo como objeto de pesquisa a participante do *BBB 2021* Juliette, as materialidades foram colhidas de algumas postagens da plataforma digital, *Instagram*.

3.2 O OLHAR SOBRE O UNIVERSO DE PESQUISA E A DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*: O PRECONCEITO NA MÍDIA, NO BBB E COM JULIETE

No que se refere à composição do *corpus* de análise, foram selecionadas seis materialidades (duas audiovisuais, duas verbo-visuais e dois comentários), extraídas da plataforma digital *Instagram*, de dois perfis diferentes, sendo eles *@quebrandootabu* e *@combateaopl*. As materialidades foram coletadas de março de 2021 até maio de 2021, período em que estava acontecendo o *BBB*. O critério de coleta dessas análises partiu de materialidades que abordassem o preconceito linguístico sofrido por Juliette.

A escolha da plataforma digital *Instagram* se justifica pelo crescente uso dessa rede social por parte do público em geral, tendo em vista o momento pandêmico que estamos vivenciando, fato que facilita tanto a rápida propagação de notícias, como a discussão de questões sociais diversas, já que, de modo correlato, os sujeitos podem expressar suas opiniões por meio dos comentários ou, até mesmo, em seus perfis.

As materialidades retiradas do perfil (*@quebrandootabu*), trata-se de um vídeo (e seu respectivo comentário) da *ex-BBB* Juliette explicando aos outros *brothers* (naturais de outros estados, a maior parte da região sudeste, centro-oeste etc.) o que ela sofre por carregar sua cultura Nordestina na sua fala e no seu modo de ser e agir em todo lugar, sendo apresentado por ela os estereótipos criados pelas pessoas, que tentam enquadrar o Nordeste como “analfabeto, burro, matuto”, nesse vídeo é expresso o sentimento de angústia por Juliette que sofreu Preconceito Linguístico tanto dentro do programa, quanto fora dele por ser Nordestina e carregar em si sua cultura com orgulho.

Vale ressaltar que esse perfil não focaliza temáticas relacionadas a Juliette, mas, para além disso, aborda todo e qualquer tipo de materialidade que possa fomentar as discussões em torno dos diversos preconceitos problemáticas sociais;

nesse caso em particular, a xenofobia e o preconceito linguístico sofridos pelos nordestinos e ilustrados a partir da figura de Juliette.

Diante disso, partimos para outro perfil, o *@combateaopl*. Trata-se de um Projeto de Extensão que tem como tema “Ações de Combate ao Preconceito Linguístico”, que busca discutir as mais diversas formas de preconceito linguístico no contexto atual. Além disso, também produz publicações que englobam o preconceito linguístico, todas embasadas em autores basilares da Sociolinguística. Desse modo, as materialidades colhidas por meio do *@combateaopl* foi uma publicação, contendo uma sequência linear de materialidades (num total de três) em uma única postagem (e seus respectivos comentários), mostrando as ocorrências do Preconceito Linguístico com Juliette no BBB, exemplificando através de fotos com textos inseridos como ocorreu o PL dentro do *reality*.

No que concerne aos comentários, vale salientar que estes serão analisados com vistas a identificar as reverberações dos atos xenofóbicos e dos preconceitos linguísticos sofridos por Juliette na construção identitária do sujeito nordestino, nas mídias.

3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE: A REFLEXÃO SOBRE OS DADOS

Quanto as análises das materialidades, inicialmente, buscamos investigar as reverberações linguístico-identitárias do preconceito linguístico sofrido pela ex-participante Juliette, no *Big Brother Brasil – BBB*, edição de 2021. O percurso de análise está proposto em a) identificar as questões socioculturais e linguísticas que condicionam os posicionamentos preconceituosos (ou não) para com a participante Juliette durante a participação no BBB 21, cristalizados em *posts* dos perfis *@combateaopl* e *@quebrandootabu*, no *Instagram*; além disso, no propomos a (b) analisar os possíveis efeitos do preconceito linguístico reproduzido na mídia no que toca a construção linguístico-identitária do sujeito nordestino; por fim, (c) refletir sobre a necessidade de conscientização de uma postura linguística na mídia e na sociedade que não limite a compreensão da linguagem e do sujeito que a utiliza.

4 O PRECONCEITO NA MÍDIA E SUAS IMPLICATURAS PARA O SUJEITO: O CASO DE JULIETTE NO *BBB-21*

“Mas é que eu venho lá do sertão
O coco é seco demais, irmão
E o preconceito eu só engulo com farinha”
(JULIETTE, 2021, s.p.).

O *Big Brother Brasil (BBB)* é um reality show de confinamento produzido pela TV Globo e exibido desde 2002, no Brasil. O formato do programa foi importado do *reality* holandês *Big Brother*, criado por John de Mol, em 1999. Os participantes são vigiados 24 (vinte e quatro) horas por dia através de câmeras, participam de provas de resistência e sofrem pressão psicológica para garantir sua permanência no jogo. No Brasil, o programa tem início no final de janeiro e se estende até o início de maio.

No total, são 20 (vinte) participantes, escolhidos entre famosos, anônimos e outros; dentro da casa, divididos em *Pipoca* e *Camarote*. Na edição de 2021, os “Pipocas” foram: Arthur, Caio, João Luiz, Arcebiano, Juliette, Kerline, Lumena, Gilberto, Thaís e Sarah, e os “Camarotes” foram: Karol Conká, Carla Diaz, Camilla de Lucas, Pocah, Nego Di, Lucas Penteadó, Rodolfo, Viih Tube, Projota e Fiuk. Essa edição estreou com maior diversidade entre os participantes, levantando questões sobre o impacto da pandemia na saúde mental dos confinados, racismo e xenofobia. Dito isso, vale ressaltar que a participante Juliette, na referida edição, foi alvo de preconceito linguístico e xenofobia dentro do programa.

Assim, nesse capítulo, serão apresentadas as materialidades, retiradas da rede social *Instagram*, tendo em vista a grande reverberação desse acontecimento nas mídias, principalmente nessa plataforma.

No primeiro subcapítulo, serão apresentadas as *Posturas e atitudes preconceituosas com Juliette: ocorrências de preconceito no BBB*, com as análises das materialidades verbo-visuais e audiovisuais colhidas dos perfis *@combateaopl* e *@quebrandootabu*, que, de modo geral, versam sobre uma publicação do *@combateaopl*, contendo uma sequência de materialidades que mostra como Juliette sofreu preconceito linguístico dentro do programa, e de um vídeo do *@quebrandootabu*, em que Juliette explica os atos xenofóbicos sofridos durante sua vida, especialmente no programa, abarcando toda a questão do estereótipo em torno do nordestino.

No segundo e último subcapítulo, será abordado a questão das reverberações do preconceito linguístico sofrido por Juliette nas mídias digitais sociais, mais especificamente no *Instagram*, e suas implicaturas para com o sujeito na sociedade, de modo a apresentarmos como os estereótipos criados em torno da figura nordestina auxiliam na construção identitária do sujeito, a partir da análise de comentários extraídos das materialidades supracitadas.

4.1 POSTURAS E ATITUDES PRECONCEITUOSAS COM JULIETTE: OCORRÊNCIAS DE PRECONCEITO NO *BBB-21*

O Instagram, atualmente, é a plataforma digital que mais cresce no mundo, em grande parte, por oferecer um acesso rápido, descomplicado e popular aos seus usuários. Assim, essa rede se torna propícia para a viralização de vários acontecimentos e problematizações outras nas mídias, principalmente quando nos referimos à propagação das informações por meio de perfis voltados para ações sociais, notícias e/ou entretenimento.

Nesse sentido, temos os perfis *@combateaopl* e *@quebrandootabu*, utilizados para colher as materialidades dessa análise, acrescentando, ainda, a análise do preconceito linguístico e da xenofobia, praticados com a participante do *BBB 2021*, Juliette, que sofreu tais atos por causa da sua forma de falar e por ser nordestina.

Dessa forma, focalizaremos a análise no perfil *@combateaopl*, que possui uma publicação com uma sequência de materialidades: duas materialidades verbo-visuais e uma audiovisual, que mostram como o preconceito linguístico e a xenofobia ocorreram dentro do programa no qual Juliette é a vítima. Desse modo, neste primeiro momento, utilizaremos tais materialidades para contextualizar os acontecimentos supracitados:

Figura 1 - Post extraído do perfil @combateaopl



Fonte: *Instagram*

Figura 2 - Post extraído do perfil @combateaopl



Fonte: *Instagram*

Nesses *posts*, é possível observar os aspectos verbais que identificam, através de legendas, o preconceito sofrido por Juliette dentro do programa. Ela foi alvo tanto de preconceito linguístico quanto de xenofobia; foi excluída e isolada dos outros

participantes por uma semana, como mostra a figura 2, alegando que sua voz era "irritante"; e, ainda, motivo de piada, imitações e zombarias, devido ao seu sotaque.

Dessa forma, por ela ser de Campina Grande, Paraíba, como mostra sua regionalidade na figura 1, e carregar a marca da cultura nordestina na voz e na forma de se expressar, os outros participantes do reality já atribuíram estereótipos a ela, julgando sua forma de falar: fruto de uma má educação. Relembrando CROCHÍK (1996), ao dizer que a função desses estereótipos é tornar natural uma realidade criada pela cultura, assim como Jesus (2006), que retoma a discussão dizendo que esses símbolos criados em torno do nordestino definem quem eles são para si e para os outros, entendemos, com Bagno (2002), que esses estereótipos em torno do nordestino são criados pela televisão brasileira, com a criação de personagens nordestinos para causar humor nos telespectadores, por sua forma de falar e agir, agregando características que, muitas vezes, não são típicas do Nordeste.

Com efeito, através das materialidades expostas, é possível perceber essa exclusão, como, por exemplo, nas passagens da figura 1, "os outros participantes imitam o sotaque de Juliette constantemente como uma piada" e da figura 2, "[...] e, diariamente, dizem que o único problema dela no jogo é "falar demais" e com a voz muito alterada. Por causa disso Juliette ficou uma semana sendo excluída dos outros participantes". Decerto, é importante destacar que a xenofobia sofrida por Juliette no *BBB* veio protagonizada por Karol Conká, uma das participantes do reality, que, durante as primeiras semanas no confinamento, demonstrou, por várias vezes, se incomodar com a presença de Juliette, especialmente por ser da Paraíba.

Em conversa com as outras confinadas, Karol Conká afirmou que Juliette falava alto por ser uma característica típica do seu estado (comportamento), ao contrário dela, que é de Curitiba, e por isso é mais reservada e educada ao falar com as pessoas. Nesse momento, foi possível identificar o ataque xenofóbico, Karol quis exaltar seu estado, como se possuísse mais educação do que Juliette, por ser de Curitiba, e desqualificá-la, alegando que ela possui uma má educação, o que fora identificado através do seu sotaque e por ser paraibana. Vale ressaltar, no entanto, que esta atitude foi seguida por outros participantes, não só pela Karol.

Entretanto, a construção de sentido dessas materialidades não está fixada somente nas legendas, uma vez que, ao observar o jogo de imagens, percebemos que as estruturas visuais corroboram à construção dos sentidos em torno da

estereotipação do sujeito nordestino nos *posts*, porém trazendo tons que vão de encontro aos pressupostos xenofóbicos e constroem a imagem de um povo forte.

Na primeira imagem da figura 1, por exemplo, Juliette aparece, em um primeiro momento, fazendo um sinal de coragem ao posar para a foto, como se retratasse a força do Nordeste, assim como ocorre com o uso chapéu de couro e com o sorriso descontraído, que mostra a felicidade de carregar consigo a cultura nordestina. Ainda na mesma imagem, há outra representação da figura de Juliette, agora numa realidade distinta: aparece chorando, dando sinais de angústia e tristeza, retratando todo o sofrimento causado pelo preconceito linguístico e a xenofobia sofridos por ela dentro do *BBB*. A referida participante, portanto, contrapõe e denota todo o sofrimento e fortaleza do sujeito nordestino.

Outro aspecto perceptível nessa publicação, que corrobora com os efeitos de sentido dos estereótipos nordestinos, em ambas as sequências imagéticas, é o plano de fundo: as cores escolhidas, os detalhes amadeirados, com o amarelo marmorizado, dando a impressão de um chão rachado que, automaticamente, relembra a seca, característica do solo nordestino.

Na sequência imagética da figura 2, é possível evidenciar o ato preconceituoso em ação, fazendo um jogo visual na postagem, tanto em imagens quanto em legendas, sendo perceptível em “Alguns brothers dizem que o jeito que Juliette fala é irritante [...] por causa disso, Juliette ficou uma semana sendo excluída pelos participantes”, o que permite ao leitor observar como essas atitudes xenofóbicas se deram a partir dessa legenda. Na foto inicial, Juliette aparece na cozinha, sozinha, na hora da alimentação, onde todos deveriam estar reunidos, como de costume. A foto a seguir confirma a interpretação realizada, mostrando os outros participantes do reality interagindo, conversando entre eles, ao passo que Juliette se encontrava sozinha, isolada, “fazendo de conta” que ela não estava ali.

Para complementar essa sequência linear de publicações do perfil *@combateaopl*, voltado para questões do preconceito linguístico no cotidiano, observemos, no vídeo, o preconceito linguístico e a xenofobia em ação, no momento em que Juliette fala sobre os outros participantes “evitem” ela:

Figura 3 - post extraído do perfil @combateaopl



Fonte: *Instagram*

Juliette- me evitando!!

Outros brothers- Quem?

Juliette- Várias pessoas.

Outros brothers- Seu sotaque, seu sotaque, seu sotaque é muito grave.

Juliette- É minha interpretação, eu quero entender o que foi.

Desse modo, compreendemos que Juliette percebe essa perseguição contra ela e tenta entender o que aconteceu, apesar dos outros *brothers* já deixarem claro que era por causa do “seu sotaque”. Em todo o momento do vídeo, os *brothers* falam repetida e enfaticamente “seu sotaque”, deixando claro, pelo tom de voz deles, que estão incomodados com o sotaque paraibano. Nisso, observamos que Juliette chamou seus colegas de confinamento para uma conversa séria, onde tentava dizer que se sentia excluída na casa e que percebia alguns colegas realizando imitações, de modo a ridicularizar seu sotaque. Para os telespectadores, Juliette estava tentando dizer aos outros que estava sofrendo xenofobia.

A partir disso, vemos, mais uma vez, a xenofobia e o preconceito linguístico em ação. Rememorando Bagno (2007), quando diz que o preconceito linguístico é todo juízo de valor negativo, de reprovação e de repulsa às variedades linguísticas de menor prestígio social. Decerto, são notórios o desrespeito e a intolerância, ao

ridicularizarem o sotaque dela, “Outros brothers - Seu sotaque, seu sotaque, seu sotaque é muito grave”, e mostrarem que a exclusão para com ela foi por causa da sua forma de falar. Daí nota-se o preconceito linguístico, pois o sotaque é a marca identitária do sujeito mais difícil de omitir, tendo em vista que, à medida que você fala, você pode ser identificado por sua origem, de modo que se alguém te inferiorizar por isso, automaticamente, você é ridicularizado e, evidentemente, tal ato será caracterizado como preconceito linguístico.

Nesse sentido, atrelado ao preconceito linguístico e à xenofobia, o estereótipo em torno da figura do nordestino é reforçado. Essa questão pode ser percebida mais especificamente na materialidade publicada no *@quebrandotabu*, que é um perfil do *Instagram* que, com cerca de 7,4 milhões de seguidores e alto número de acessos, discute, por meio de postagens verbo-visuais ou audiovisuais, uma série de temáticas sociais voltadas para o racismo, homofobia, pobreza, inflação, política, xenofobia, entre outras. Desse perfil, foi colhido uma publicação em forma de vídeo, onde Juliette reflete sobre os estereótipos criados em torno da figura do nordestino e testemunha sobre.

Figura 4 - post extraído do perfil @quebrandootabu



Fonte: *Instagram*

Juliette- Eu indo em qualquer lugar... Eu sou uma pessoa estudada e tal, mas aonde eu chego as pessoas me tratam como analfabeta. Me tratam como matuta, como burra.

[...] em São Paulo, Rio, Brasília, esses lugares. As pessoas acham que no Nordeste é mato, seca, jumento e analfabeto.

Nesse pequeno trecho do vídeo, percebemos como o estereótipo criado em torno da figura nordestina é cristalizado em todo o país. Juliette diz que é uma mulher “estudada”, mas aonde chega é tratada como analfabeta, burra, matuta, embora com o título universitário. Sobre isso, Jesus (2006) enfatiza que o estereótipo criado em torno do Nordeste é algo imaginário, que opera na mente das pessoas como uma espécie de símbolo, definindo quem são os nordestinos para os outros e para si mesmo, motivo pelo qual Juliette relata a prática desses preconceitos a partir de um viés coletivo, pois, muitas vezes, são disseminados pelas mídias e depositados em uma “memória coletiva” que pré-julga as pessoas nordestinas.

Considerando tais postulados, entendemos a mídia como uma fonte inesgotável de telespectadores e que contribui para o preconceito linguístico, pois interfere no modo de pensar e agir do indivíduo, permitindo que os sujeitos se comunicam com o mundo afora, gerando situações interativas e propagando entre eles informações. Corroborando com esse pensamento, Bagno (2007) diz que a mídia contribui drasticamente na reprodução do preconceito linguístico, pois utiliza métodos tradicionais de habilitar a língua. Diante disso, Pelinson, Silva e Ribeiro (2014) relembram que a mídia é uma ditadora de modelos a serem seguidos e, por isso, Azambuja (2008) diz que esses veículos de comunicação induzem o público sobre o que ele deve pensar acerca de determinados assuntos. De acordo com Faraco (2008), a mídia, que era para ser defensora desses preconceitos, se torna extremamente conservadora, supervalorizando a norma culta.

De todo modo, ao mencionar as cidades sulistas (São Paulo, Rio e Brasília), Juliette mostra o retrato que eles têm no seu subconsciente sobre o Nordeste, pois, apesar de muitos não visitarem o Nordeste, têm em mente que a região seja somente “mato, seca, jumento e analfabeto”. Logo, sem antes conhecer sua cultura, suas riquezas, são apontados julgamentos em torno do nordestino e daí o entendimento de que os estereótipos estão atrelados ao preconceito linguístico, pois atribuímos valores a determinadas camadas sociais, à medida que desprestigiamos outras.

Assim, entendemos que isso ocorre, na maioria das vezes, na regionalidade do sujeito, pois, por exemplo, se uma pessoa do Sul vir ao Nordeste e utilizar o sotaque paulista, os nordestinos vão atribuir valores linguísticos, prestigiando aquele sotaque,

mas se um nordestino chegar ao Sul e falar normalmente seu sotaque é mal visto, o que implica num gatilho para o preconceito linguístico, pois está impregnado na mente das pessoas de tal forma que essas atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso modo de ser e estar no mundo, conforme aponta Bagno (2003).

Como mencionado no vídeo por Juliette, as pessoas de “São Paulo, Rio e Brasília” já possuem um pré-julgamento do que é o Nordeste, fixo em suas mentes, o explica frequentar esses lugares e ser mal vista, e, ao falar, com seu sotaque regional, atribuírem sentidos, como “burra, matuta”. Dessa forma, percebemos que esses estereótipos em torno do Nordeste estão atrelados ao preconceito linguístico, que está atrelado a outros, segundo Bagno (2007), a exemplo do preconceito regional, socioeconômico e cultural.

Em suma, vale ressaltar que a partir da construção desses estereótipos as identidades são construídas. Sendo assim, na próxima seção, discutimos a respeito de como essas identidades nordestinas são construídas, mediante reverberação do acontecimento xenofóbico ocorrido com Juliette nas diversas mídias, dando enfoque à rede social *Instagram*.

4.2 MOTIVAÇÕES DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA MÍDIA E SUAS IMPLICATURAS PARA COM O SUJEITO NA SOCIEDADE

Como visto em CROCHÍCK (1996) e Jesus (2006), os estereótipos são rótulos sociais, criados a partir de características de um determinado grupo, para moldar padrões sociais, ou seja, são generalizadas determinadas características, geralmente de maneira negativa, vinculando todos os membros pertencentes àquele grupo social. Além disso, funciona como modelo que julga e impõe padrões sociais esperados para um indivíduo vinculado àquela coletividade. Esses estereótipos são reproduzidos simultaneamente, a partir da cultura do sujeito e, na maioria das vezes, interfere inconscientemente nas relações sociais. De acordo com Goffman (1975), o estereótipo se relaciona com o estigma social nos processos de construção de significados através da interação.

A sociedade estabelece padrões que moldam como as pessoas devem ser, de modo natural e normal. Decerto, isso resulta da função dos estereótipos que tentam naturalizar a crença de que existem graus de valor aos papéis desenvolvidos socialmente, mas o que passa despercebido são que esses deveres podem tirar a

originalidade daquele sujeito, ou seja, esses atributos que lhes são conferidos o tornam diferente, podendo resultar na sua marginalização em comunidade (CROCHÍK, 1996).

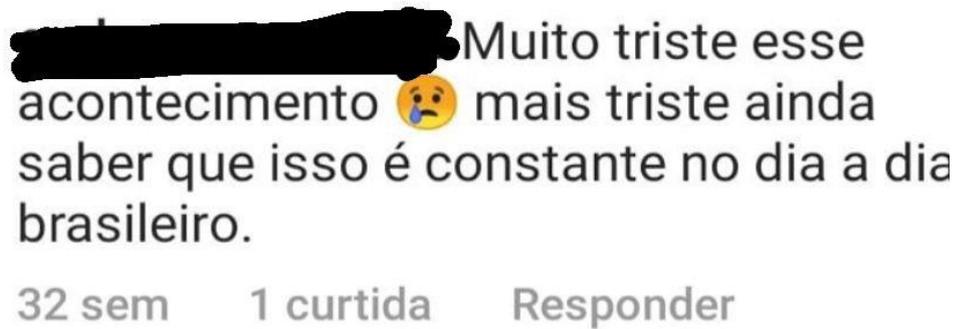
Desse modo, os estereótipos rotulam e pré-julgam os indivíduos de uma determinada coletividade estigmatizada, a partir das características atribuídas, as quais, na maioria das vezes, carregam aspectos negativos, errôneos e simplistas, formados à base de crenças preconceituosas expressas através de piadas, ironias, humilhação, antipatia, e etc.

Assim, esses estereótipos auxiliam na construção identitária do sujeito, pois, à medida que se formam numa dada coletividade, seu modo de ser para si e para os outros torna-se característico daquele meio, construindo-se e formando sua identidade de acordo com as peculiaridades desse povo. Por exemplo, o povo nordestino possui particularidades advindas desse meio, como a forma de falar com as pessoas, o sotaque, a força em relação aos tempos difíceis, a resistência ao preconceito por ser do Nordeste, que ainda é muito presente no Brasil, principalmente no Sul do país. Logo, esses sujeitos vão se construindo a partir dos estereótipos atribuídos à sua comunidade, que, automaticamente, formarão sua identidade.

O acontecimento xenofóbico em torno da figura de Juliette, por exemplo, gerou uma grande repercussão nas mídias, especialmente pelo fato dos sujeitos nordestinos se identificarem, de alguma forma, com os ocorridos, pois já experienciaram todo esse impacto da xenofobia e puderam, de certa forma, lembrar as suas marcas históricas e acontecimentos relacionados a essa discriminação. Essa reverberação e consequente posicionamento do público em relação aos atos xenofóbicos podem ser identificados, também, nos comentários das publicações do *@combateaopl* e *@quebrandootabu*, apresentadas ao longo da seção 4.2.

Dito isto, podemos identificar como esses sujeitos se constroem a partir desse acontecimento (figura 4), extraída da sequência de postagens publicadas pelo perfil *@combateaopl*:

Figura 5 - Extraída dos comentários do perfil @combateaopl



Fonte: *Instagram*

Nesse comentário, é possível perceber, especificadamente pelos aspectos verbais, a angústia de uma identidade nordestina, ao dizer que é “mais triste ainda saber que isso é constante no dia a dia do brasileiro”. Com efeito, entende-se que esse sujeito quis demonstrar que não só naquele momento acontecia o ato xenofóbico, pois todos os dias a figura nordestina é atacada, por, simplesmente, ser do Nordeste.

Dessa forma, não estamos mais adentrando na publicação de um perfil, e sim identificando os pontos de vista de uma identidade, como esta é construída a partir desses comentários, revelando identificação e tristeza, quando utiliza o “muito triste esse acontecimento”, e dando ênfase, com o uso de um *emoji*; nesse momento revelando a sua situação emocional sobre a xenofobia. Ao expressar em comentários seus sentimentos, o indivíduo acaba se “colocando no lugar do outro”, ou seja, fala com empatia, relatando com tristeza que no cotidiano do nordestino esse ato xenofóbico é frequente.

Na sequência, podemos perceber o depoimento através dos comentários da publicação do vídeo de Juliette no perfil @quebrandotabu, que revela a prática de xenofobia sofrida pela vítima.

Figura 6 - extraída dos comentários do perfil @combateaopl

 Triste ver isso acontecer com a gente. Sou de ceara, e já me perguntaram tantas coisas.. Perguntaram se no ceara tinha água, se eu já tinha comido almondega, se eu morava nos matos e até mesmo se eu já vi uma onça. O pior disso tudo, é que as pessoas que me perguntaram isso, perguntaram sem querer brincar. No ceara também tem cidades, da mesma forma que em São Paulo e Rio. Tem umas coisas muito chata que é de alguns sulistas fazem, que é fazem questão de entrar nas fotos das pessoas só pra dizer que ela tem a cabeça grande (Cabeça de cearense). Se eu tenho cabeça grande, eu pouco me importo, só não quero um idiota comentando isso nas minhas fotos, ou até mesmo na minha frente.

23 sem Responder

Fonte: *Instagram*

Nesse comentário, foi possível identificar como a identidade do ser nordestino se moldura no momento do acontecimento com Juliette, pois quando o sujeito diz “triste ver isso acontecer com a gente. Sou de Ceará” e menciona a expressão “a gente” é incluso nessa ocasião e relembra os preconceitos sofridos através das perguntas feitas por outros, como, por exemplo, “se no ceara tinha água, se eu já tinha comido almondegas, se eu morava nos matos”.

Decerto, isso acontece porque os estereótipos criados em torno da figura nordestina estão enraizados na sociedade brasileira, de forma a contribuir para a xenofobia, gerando uma repercussão nas mídias, o que finda facilitando a existência de depoimentos como esse, no sentido de percebermos que não só aconteceu com Juliette, mas que acontece diariamente com qualquer pessoa do Nordeste. Tais fatos corroboram, mais uma vez, com os pensamentos de Pelinson, Silva e Ribeiro (2014), Bagno (2007) e Azambuja (2008), quando postulam que a mídia é formadora de opiniões e, nisso, acaba por influenciar na forma como o público irá agir diante de determinado assunto.

Outro aspecto que esse sujeito relata é que “o pior disso tudo é que as pessoas que me perguntaram isso, perguntaram sem querer brincar”, mostrando que é algo

natural para eles, que o Nordeste é identificado como uma região pobre e que, portanto, as pessoas que moram nela são pessoas que vivem na pobreza, com o pensamento de que os símbolos atribuídos a essa região substituísse a própria realidade, como afirma Jesus (2006), ao dizer que o Nordeste é associado à seca e à terra rachada.

Contudo, vale ressaltar que esse sujeito anônimo cita alguns sulistas como os maiores propagadores desse preconceito, quando ele diz o seguinte: “tem umas coisas muito chata que é de alguns sulistas fazem, que é fazem questão de entrar nas fotos das pessoas só para dizer que ela tem a cabeça grande (cabeça de cearense)”. O apelido pejorativo criado, “cabeça de cearense”, está identificando uma característica comum que o cearense possui, julgando uma comunidade em massa a uma característica universal, o que gera incômodo aos cearenses, pois esse apelido tem um tom de chacota, de zoação utilizando a região e um povo para justificar um ato xenofóbico, conforme Bagno (2007). Essas questões, de modo geral, acabam constituindo uma imagem negativa e escrachada do sujeito nordestino no Brasil inteiro.

Essa imagem, isto é, a identidade do sujeito nordestino, por sua vez, também está interligada aos aspectos linguísticos utilizados pelo falante. Podemos perceber esse fato na passagem “tem umas coisas muito chata”, pois os recursos linguísticos utilizados pelo enunciador, na escrita, se aproxima à pronúncia/oralidade marcante do Nordeste (supressão do plural em partes do enunciado). Essa variação pode ser compreendida como um erro para a visão normativa da língua e, possivelmente, corrobora erroneamente com o estigma de “falta de conhecimento e estudos” do nordestino.

Sobre isso, é interessante retomar Bagno (2007), para dizer que, ao agregarmos valores a uma variação da língua – neste caso, a norma culta –, estamos automaticamente inferiorizando todas as outras, de modo que devemos entender que todas as variações da língua, a exemplo da variação “nordestina”, são importantes e que cada uma delas faz parte da nossa vivência, história e cultura, particular de cada indivíduo, pois a comunicação é única e essencial para sua formação social.

Com o advento das diversas mídias, esses estereótipos e preconceitos tendem a ser perpetuados rapidamente e com um maior alcance de sujeitos, favorecendo não somente a cristalização de uma identidade em torno do sujeito nordestino, mas, também, possibilitando a incidência crescente de ataques xenofóbicos e a

perpetuação dos preconceitos linguísticos nos meios virtuais. Daí a importância dos perfis e materialidades analisados discutirem sobre tais assuntos nas redes sociais.

Diante disso, nos dois comentários, foi possível identificar a repercussão em torno do caso de xenofobia sofrido por Juliette, que não só permitiu a discussão e o engajamento de uma problemática relevante nas diversas mídias sociais e na sociedade, bem como o preconceito linguístico e a xenofobia que vitimizam o nordestino. Ademais, a viralização de tais acontecimentos é decorrente do fato das pessoas do Nordeste inteiro se sentirem feridas com a xenofobia praticada, bem como ver e enunciar vários outros casos e sujeitos que sofreram e sofrem xenofobia, possibilitando o direito de fala e o posicionamento a partir da visibilidade e, de modo consequente, construindo a figura de um sujeito forte, resiliente e completamente diferente das características pontuadas pelas identidades evocadas nos atos xenofóbicos e preconceituosos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais atualmente são as principais fontes de propagação de conteúdo, assim como de informações pessoais, tornando pública a vida pessoal, para que as pessoas possam conhecer umas às outras virtualmente, especialmente sobre seu cotidiano e informações rápidas do mundo a sua volta.

Com isso, esse mundo midiático facilita a comunicação e a interação entre os indivíduos na sociedade, permitindo-os expressar seus posicionamentos em determinados contextos, como, por exemplo, exprimir seu ponto de vista em publicações a partir de comentários, construir e, ao mesmo tempo, refletir acerca da sua identidade social através desse meio tecnológico.

Nesse sentido, o *Big Brother Brasil*, *reality show* onde são colocadas pessoas de diversas classes socioeconômicas em uma casa para disputar um prêmio, adquire grande repercussão nas mídias sociais. Como fora discutido, Juliette, participante e campeã do *BBB 21*, nordestina, advogada e de classe média, sofreu ataques xenofóbicos dentro do programa, os quais reverberaram nas mídias, despertando o olhar de milhares de brasileiros sobre aquele acontecimento, principalmente dos nordestinos.

Partindo disso, o objetivo geral desse trabalho consistiu em investigar as reverberações linguístico-identitárias do preconceito linguístico sofrido pela ex-participante Juliette, no *Big Brother Brasil* (BBB), edição de 2021, no âmbito midiático do *Instagram*, de modo a, especificadamente: a) identificar as questões socioculturais e linguísticas que condicionam os posicionamentos preconceituosos (ou não) para com a integrante Juliette durante a participação no BBB 21, cristalizados em *posts* dos perfis *@combateaopl* e *@quebrandoatabu*, no *Instagram*; e (b) analisar os possíveis efeitos do preconceito linguístico reproduzido na mídia, no que toca à construção linguístico-identitária do sujeito nordestino.

Dessa forma, para compor o *corpus* do nosso trabalho, foram coletadas o total de 6 (seis) materialidades dos perfis *@combateaopl* e *@quebrandoatabu*, contas da plataforma digital *Instagram*. O perfil *@combateaopl* está voltado para questões do preconceito linguístico no cotidiano, de modo que as análises realizadas partiram de uma publicação com uma sequência de três materialidades contidas nesse perfil, duas verbo-visuais e outra audiovisual, que explicavam a forma como Juliette foi excluída nas primeiras semanas do programa, por causa da sua forma de falar e por ser do

Nordeste. Já sobre o perfil *@quebrandootabu*, que é voltado a propagar conteúdos sobre temáticas sociais diversas, retiramos uma materialidade audiovisual, em que Juliette relata os acontecimentos preconceituosos sofridos por ela, além de mostrar os estereótipos criados em torno do nordestino.

Ainda através de um comentário de cada publicação citada, foi possível compreender como os sujeitos, principalmente a identidade dos nordestinos, se constroem a partir desse acontecimento com Juliette. De modo geral, foi possível perceber, com as análises, que esses acontecimentos xenofóbicos – que recobram o preconceito linguístico – sofridos por Juliette foram largamente reverberados na mídia, o que implicou na construção identitária dos sujeitos, especificamente dos sujeitos nordestinos que, de certa forma, passaram a ver e a se posicionar de forma mais forte e resiliente nas redes sociais. Decerto, entende-se ser uma forma de resistência aos diversos ataques, fator que auxiliou a quebrar os tabus e os estereótipos que se tinham/têm em relação ao sujeito nordestino, principalmente na área Sul/Sudeste do Brasil.

Porém, esse movimento se constitui como mais um passo dado diante a extinção do preconceito linguístico e das atitudes xenofóbicas, mas não retificam todas essas atitudes, embora que com a ampla divulgação e discussão nas mídias. Com isso, entendemos ser necessário continuar refletindo sobre a necessidade de conscientização de uma postura linguística na mídia e na sociedade, de modo que não limite a compreensão da linguagem e do sujeito que a utiliza à noção de “certo” e “errado”, visto que a língua é parte fundamental na vida de um indivíduo e através da qual se constitui/é constituído em sociedade. Por isso, sabendo também que a língua é viva e se modifica com o tempo e o espaço, não devemos delimitar uma determinada variação como “certa”, é preciso, pois, lutar para que o respeito e a intolerância seja sempre a chave principal para a nossa vida em sociedade.

Por fim, enfatizamos que esse trabalho pode chegar as mais variadas formas de investigação, à medida que contribui para a construção e/ou exploração de futuras pesquisas, uma vez que retrata acontecimentos cotidianos que envolvem a construção de identidades dos sujeitos, preconceito linguístico, estereótipos e xenofobia em torno dos nordestinos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2010.

AZAMBUJA, Cíntia Neves de. **Jornalismo educativo: da teoria à prática na tv universitária**. 2008. 329 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2008.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. 29 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. 49 ed. São Paulo: Loyola. 2007.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Conflito entre norma e diversidade dialetal no ensino da língua portuguesa**. 1984. Tese (Doutorado em Linguística) – Araraquara: UNESP, 1984.

COELHO, Olga Ferreira. O Português do Brasil em Macedo Soares (1838-1905). *In: Limite*, nº 6, 2012, p. 199-215.

CROCHÍK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e sociedade**. Campinas: Sociedade Brasileira de Psicologia. 1996.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: Desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. *In: BAGNO, Marcos (org.). Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. cap.3. p. 37-61.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GOFFMAN, Erving. “A situação negligenciada”. *In: RIBEIRO, Branca Telles & ARCEZ, Pedro M. (Orgs.). Sociolinguística interacional*. 2 ed. São Paulo: Loyola, p. 13-20, 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Garacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

JESUS, Étel Teixeira de. **O Nordeste na mídia e os estereótipos lingüísticos: estudo do imperativo na novela Senhora do Destino**. 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. Coleção linguagem & ensino. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MARGOTTI, Felício Wessling. 2004b. **Sotacon: a fala do colono**. *Anais do 6º Encontro CELSUL* (Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul). (meio eletrônico)

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.

OUSHIRO, Livia; "TRATAMENTO DE DADOS COM O R PARA ANÁLISES SOCIOLINGÜÍSTICAS", p. 51 - 55. *In: Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.
ISBN: 978-85-8039-086-5, DOI 10.5151/BlucherOA-MCMDS-10cap

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **O conceito de identidade em Lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?** Tradução de A. Pisetta. *In: Signorini, Inês. (Org.). Língua(gem) e Identidade Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp. p. 21-45. 1998.*

TAVARES, Roseanne Rocha. **Língua, cultura e ensino**. Maceió: UFAL.2006.

TELES, Tércia Ataíde França. **Linguagem e identidade social: uma abordagem sociolinguística**. II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, Vitória- ES, 2005.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.